

## "Esclarecimentos

Um jornalista italiano se empenhou, segundo um bom costume da sua profissão, a distorcer e a falsificar minhas considerações sobre a confusão ética na qual a epidemia está colocando o país, na qual não se tem mais respeito nem mesmo pelos mortos. Assim como ele próprio não faz questão de citar o seu nome, também não vale a pena retificar uma a uma as não poucas manipulações que faz. Quem quiser pode ler o meu texto Contágio no site da editora Quodlibet. Em vez disso, publico aqui outras reflexões que, não obstante sua clareza, provavelmente serão também objeto de falsificação.

O medo é um mau conselheiro, mas faz aparecer muitas coisas que até então se fingia não ver. A primeira coisa que a onda de pânico que paralisou o país nos mostra, com clareza, é que a nossa sociedade não acredita em mais nada além da vida nua. É evidente que os italianos estão dispostos a sacrificarem praticamente tudo, as condições normais de vida, as relações sociais, o trabalho, até mesmo as amizades, os afetos e as convenções religiosas e políticas diante do perigo de adoecerem. A vida nua – e o medo de perdê-la – não é algo que une os seres humanos, mas os cega e os separa. Os outros seres humanos, como na pestilência descrita por Manzoni, são vistos agora apenas como possíveis propagadores da doença (untori), que precisamos a todo custo evitar, e dos quais é preciso manter-se à distância de pelo menos um metro. Os mortos – os nossos mortos – não têm direito a um funeral e não é claro o que está sendo feito com os cadáveres das pessoas que nos são caras. O nosso próximo foi cancelado, e é curioso que as igrejas se calem sobre isso. O que se tornam as relações humanas em um país que se acostuma a viver desse modo não se sabe por quanto tempo? E o que é uma sociedade que não tem outro valor que não a sobrevivência?

A outra coisa (não menos inquietante do que a primeira) que a epidemia faz aparecer com clareza é que o estado de exceção, ao qual os governos têm nos habituado há tempos, realmente se tornou a condição normal. Existiram no passado epidemias mais graves, mas ninguém nunca havia pensado antes em declarar um estado de emergência como o atual, que nos impede até mesmo de nos movermos. Os seres humanos foram tão acostumados a viver em condições de crise perene e de perene emergência que não parecem se dar conta de que sua vida foi reduzida a uma condição puramente biológica, e perdeu toda dimensão não apenas social e política, mas também humana e afetiva.

Uma sociedade que vive em um estado de emergência permanente não pode ser uma sociedade livre. Nós de fato vivemos em uma sociedade que sacrificou a liberdade às assim chamadas 'razões de segurança' e se condenou por isso a viver em um perene estado de medo e de insegurança.

Não espanta, assim, que contra o vírus se fale de guerra. As medidas de emergência nos obrigam, de fato, a viver em condições de defesa diante de um fogo cruzado. Mas uma guerra contra um inimigo invisível, que pode se aninhar em qualquer outro ser humano, é a mais absurda das guerras. É, na verdade, uma guerra civil. O inimigo não está fora, mas sim dentro de nós.

O que preocupa não é tanto, ou não apenas, o presente, mas o que virá depois. Do mesmo modo como as guerras deixaram de herança à paz uma série de tecnologias nefastas, desde o arame farpado até as centrais nucleares, é muito provável que se tentará prosseguir, mesmo depois da emergência sanitária, com os experimentos que os governos não tinham conseguido colocar em prática até então: que as universidades e as escolas sejam fechadas e que as aulas passem a ser só on-line, que as pessoas parem finalmente de se reunir e de conversar por razões políticas ou culturais e passem a trocar apenas mensagens digitais, que em toda parte seja possível que as máquinas substituam todo contato – todo contágio – entre os seres humanos.

Giorgio Agamben - 17 de março de 2020."

(Trad. Ana Suelen Tossige Gomes e Andityas Soares de Moura Costa Matos)

Texto original em

[https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-chiarimenti?fbclid=IwAR07htl\\_XE\\_O-AWmBYAO7vA0TH1142DqpcCTwqcn1xRhrFxJqLJusMrzM7M](https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-chiarimenti?fbclid=IwAR07htl_XE_O-AWmBYAO7vA0TH1142DqpcCTwqcn1xRhrFxJqLJusMrzM7M) (21/03/2020)